Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

A FEIÚRA COMO DOENÇA

Uma análise do livro *A Cura da Fealdade* (Eugenia e Medicina Social), de Renato Kehl

USES AND MEANINGS OF UGLINESS

An analysis of the book *A Cura da Fealdade* (Eugenia e Medicina Social), by Renato Kehl

PAULA ARANTES BOTELHO BRIGLIA HABIB[1]

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a obra *A Cura da Fealdade (Eugenia e Medicina Social)*, do médico e farmacêutico Renato Ferraz Kehl (1889-1974), publicada pela Monteiro Lobato & Cia Editores, em 1923. Com o intuito de divulgar os preceitos eugênicos, a necessidade do exame pré-nupcial e a proibição dos casamentos disgênicos, o livro descreve o homem e a mulher normais, em oposição ao homem e à mulher anormais; como é possível evitar a *fealdade*; e finalmente, como curá-la. Utilizando-se do argumento da beleza física, moral e psíquica dos indivíduos para determinar a perfeição eugênica, o livro preconizou a necessidade do aperfeiçoamento humano pelas medidas eugênicas. Assim, o texto pretende compreender a obra de Renato Kehl dentro dos preceitos, dos argumentos e chaves explicativas da eugenia, 100 anos após a sua publicação.

Palavras-chave: Eugenia; Renato Kehl; Fealdade; Aperfeiçoamento Físico e Moral; Brasil República

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the work *A Cura da Fealdade* (Eugenia e Medicina Social), by the physician and pharmacist Renato Ferraz Kehl (1889-1974), published by Monteiro Lobato & Cia Editores, in 1923. With the goal to disclose eugenics, the need for premarital testing and the prohibition of dysgenic marriages, the book describes the normal man and woman as opposed to the abnormal man and woman; how it is possible to avoid ugliness; and finally, how

[1] Professora Adjunta de História do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense (PCH/UFF). Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História – (ProfHistória/UFF); Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS/UFF); Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEn/UFF.
E-mail da autora: paulahabib@id.uff.br

to cure it. Using the argument of the physical, moral and psychic beauty of individuals to determine eugenic perfection, the book advocated the need for human improvement through eugenic measures. Thus, the aim is to understand Kehl's work within the precepts, arguments and explanatory keys of eugenics, 100 years after its publication.

Keywords: Eugenics; Renato Kehl; Ugly; Physical and Moral Improvement; Brazil Republic

INTRODUÇÃO

> Uma obra modernamente preciosa, contendo todos os ensinamentos para a cura da fealdade e para o realce e conservação da formosura. Aproveita, pois, a todos, aos feios e aos belos, sobretudo, às belas, que encontrarão nesse livro as mais sábias receitas para a conservação da pele e correção dos seus pequenos senões plásticos. Grosso volume, lindamente ilustrado e encadernado.[2]

Em 04 de outubro de 1923, uma quinta-feira, um dos principais periódicos da cidade do Rio de Janeiro, de grande circulação diária, assim anunciava mais uma obra do médico e farmacêutico Renato Ferraz Kehl (1889-1978). O reclame do livro está localizado na página 05 do *Correio da Manhã,* logo abaixo de um artigo intitulado “Alimentação das crianças”, assinado por R.K., provavelmente o mesmo autor da obra que será objeto de análise deste artigo. O hábito de propagandear livros recém-lançados, em páginas de importantes jornais, era bastante comum no início do século XX. Não é de causar surpresa que o autor e a editora, a Monteiro Lobato & Cia Editores, tenham usado desse artificio para comunicar ao público o lançamento do livro *A Cura da Fealdade* (Eugenia e Medicina Social). (KEHL, 1923)

Esse não seria o primeiro nem o último livro de Renato Kehl a ser anunciado em jornais, tampouco o artigo assinado por R.K. o único a ser estampado próximo a propaganda de livros. Jornais de circulação expressiva, revistas médicas, boletins e anais de sociedades científicas foram espaços extensamente utilizados por Kehl para divulgar seus escritos e, principalmente,

[2] *Correio da Manhã*, 04 de outubro de 1923, p. 05. O mesmo anúncio apareceu em outros dias no jornal, tanto na página 05 quanto na página 03: 07 de outubro; 09 de outubro; 11 de outubro; 14 de outubro.

a eugenia. O médico chegou a fundar uma revista própria para divulgar os preceitos eugênicos, o *Boletim de Eugenia*, em 1929, mesmo ano de lançamento de uns seus mais conhecidos livros, *Lições de Eugenia* (KEHL, 1929). Dois anos depois, em 1931, o médico criou a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE), com pretensões de criar também um Instituto Brasileiro de Eugenia, aos moldes dos similares internacionais.

Sem pretender traçar um histórico da eugenia no Brasil nas primeiras décadas do século XX, o objetivo é apresentar alguns marcos históricos da trajetória de Renato Kehl que possibilitem contribuir para a contextualização do livro *A Cura da* Fealdade. Importante registrar que diversos estudos sobre o movimento eugênico e sobre Renato Kehl apontaram para essa associação entre eugenia e saneamento no início do movimento eugênico, mas também refletem sobre um posterior distanciamento, quando o médico passou a defender medidas eugênicas mais radicais (SOUZA, 2006).

Além de mais de uma dezena de textos sobre o tema, na década de 1920, Renato Kehl também era reconhecido por seus pares como o principal líder do movimento eugênico brasileiro. A "ciência de Galton"[3] passou a ser tema de debates no final da década de 1910, mais precisamente em 13 de abril de 1917. Nessa data o médico proferiu uma Conferência sobre o tema, na Associação Cristã de Moços de São Paulo, marcando o início do movimento eugênico no Brasil, como o próprio Kehl fez questão de afirmar. Ao final do livro *Por que sou eugenista. 20 anos de Campanha Eugênica (1917-1937)* há uma "Súmula da Campanha Eugênica", na qual consta como primeiro evento a referida Conferência (KEHL, 1937, p. 101). Aqui cabe uma observação: o autor também ressaltou que seu discurso havia sido publicado, na íntegra, pela edição paulista do *Jornal do Comercio*, no dia 19 do mesmo mês (KEHL, 1937, p. 99). Importante ressaltar que o próprio autor chama atenção para um escrito dele sobre eugenia, em 1912, na parte anterior do livro: "Em 1913 escrevi o primeiro trabalho sobre o assunto, anexo a um estudo sobre as teorias de Weissman que, por motivos

[3] A Eugenia também ficou conhecida também como "ciência de Galton" porque o inglês Francis Galton (1822-1911) quem fundou a ciência. O termo eugenia foi cunhado em sua obra *Inquiries into Human Faculty*, publicada em 1883.

especiais, foi em parte conservado inédito" (KEHL, 1937, p. 99). Apesar de referenciar sua conferência como o início da campanha eugênica no Brasil, já existiam outros trabalhos sobre o tema, anteriores a 1917, como a tese defendida por Alexandre Tepedino (TEPEDINO, 1914).

Em 15 de janeiro de 1918, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo, em conjunto com o médico Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920), que ocupou a presidência. Com o falecimento de Carvalho, o então Secretário-Geral Renato Kehl se viu obrigado a encerrar as atividades da organização, que chegou a contar com 140 membros. O fim da Sociedade não significou o fim do movimento eugênico. Apesar de não estar mais organizado em uma instituição com estatuto e reconhecimento, Kehl continuou a divulgar a eugenia e a participar de associações e ligas que, se não tinham relação direta com a eugenia, guardavam estreita terminologia, objetivos, ideais, como por exemplo, a Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1922 pelo médico Gustavo Riedel. José Roberto Franco Reis demonstrou como naqueles anos 1920, higiene mental e eugenia caminharam lado a lado, com discursos bem semelhantes contras os ditos "males sociais", como alcoolismo, sífilis e tuberculose (REIS, 1994).

O saneamento também manteve estreitas relações com a eugenia e a higiene, como por exemplo, com a Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada em fevereiro de 1918, por Belisário Pena, então funcionário da Diretoria Geral de Saúde Pública. A organização tinha por objetivo o saneamento rural e contou com médicos, intelectuais, políticos e outros profissionais liberais. Liga Pró-Saneamento e Sociedade Eugênica de São Paulo foram parceiras, não apenas compartilhando sócios, ideias e ideais, mas também campanhas. Foi iniciativa de ambas as associações, por exemplo, editar o livro *Problema Vital*, compilação de crônicas publicadas por Monteiro Lobato no jornal *Estado de São Paulo*, ao longo de 1918 (LOBATO, 1918).

De acordo com Nancy Leys Stepan, essa associação entre saneamento, higiene e eugenia foi recorrente nos textos de eugenistas nas décadas de 1910 e 1920 no Brasil (STEPAN, 2005 p 78-84). A eugenia brasileira esteve vinculada à eugenia francesa, por uma série de razões, inclusive por tradições culturais e, por esse motivo, teve um caráter Neolamarckiano. Isso significa afirmar que a

herança dos caracteres adquiridos na geração presente seria transmitida para as gerações futuras e, assim, era possível pensar que, em algumas décadas, o Brasil teria uma população eugenicamente perfeita, ou como será exposto, uma população branca. Assim, saneamento, higiene e educação seriam responsabilidades civis, ou a "consciência sanitária e consciência cívica" (KEHL, 1923, p. 168), que passaram a ser entendidas como políticas de âmbito público e nacional.

Ainda de acordo com Stepan, a eugenia Neolamarckiana apresentava uma visão mais otimista e a aproximação com o movimento sanitarista, em especial com a Liga Pró-Saneamento do Brasil, tornou-se possível na união de interesses comuns. Como destaca a autora, a eugenia no Brasil pode ser entendida como metáfora para a própria saúde nacional. No primeiro momento, saneamento e eugenia foram associados como ciências correlatas, como se fossem a mesma tarefa. De tal modo, as normatizações de saneamento das cidades e dos sertões foram entendidas e proclamadas como medidas eugênicas. Além disso, a palavra eugenia esteve sempre associada à ideia de modernidade, civilização e progresso. Importante ressaltar que alguns trabalhos mais recentes apontam para uma visão mendelista[4] da eugenia brasileira, em especial no final da década de 1920, principalmente devido ao desenvolvimento dos estudos em genética animal e vegetal. (HABIB; WEGNER, 2014; CARVALHO, 2021).

Nesse sentido, cabe ressaltar aqui a correlação que eugenistas faziam entre medidas eugênicas, higiene e saneamento com patriotismo. O pós-Emancipação no Brasil representou um momento de intenso debate sobre "Quem cara tem o Brasil?"[5] ou "quem somos nós, brasileiros?". A "descoberta" do Brasil como um país doente por inúmeras doenças e degenerado pelos ditos "males sociais", ao mesmo tempo que foi um "choque" para médicos, políticos e intelectuais, trouxe novas perspectivas, principalmente de salvação do país.

[4] A visão mendelista diz respeito à compreensão do mecanismo hereditariedade baseada nas Leis de Mendel, na qual gerações herdam os caracteres de gerações anteriores.
[5] Referência ao livro de Mônica Pimenta Velloso, *Que cara tem o Brasil?*: as maneiras de pensar e sentir o nosso país, publicado em 2000. O livro tem por objetivo refletir sobre a busca incessante por compreender o Brasil, os brasileiros e qual o nosso lugar no chamado "concerto das nações".

Havia cura para a nossa população doente. Aliada a essa mudança, em começos do século XX, o grande debate travado não apenas nos meios literário, intelectual e político, mas também entre os médicos e sanitaristas era a discussão sobre identidade nacional. Assim, ser a favor da cura das doenças, evitar a degeneração e sanear a população era tarefa patriótica. Nesse sentido, é importante ressaltar que Renato Kehl, sua obra e, em especial, *A Cura da Fealdade* estão inseridos nesse contexto de debate sobre a questão nacional, a partir da chave explicativa da doença e da saúde e, portanto, o livro publicado em 1923 será dessa forma aqui analisado.

1. COMO ORGANIZAR UM LIVRO SOBRE FEALDADE?

A Cura da Fealdade, lançado há pouco mais de 100 anos, tem início com a seguinte epígrafe, escrita por Renato Kehl: “A ciência de Galton é o pedestal da religião que tem por escopo a regeneração integral da humanidade” (KEHL, 1923, s.p.). Além desta frase, abaixo do nome do autor, podemos encontrar as referências das sociedades científicas das quais fazia parte naquele 1923: “Da Academia Paulista de Medicina – Da Academia Nacional de Medicina (Lima) – Da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro – Da Societé Française d’Eugenie de Paris, etc.”. Na contracapa, há uma lista de outros seis livros do mesmo autor: *Blastomicose*. *Tese aprovada com distinção* (esgotado), de 1915; *Dicionário Popular de Medicina de Urgência*, de 1922; *Eugenia e Medicina Social* (Problemas da vida), de 1920; *Melhoremos e Prolonguemos a Vida* (A Valorização Eugênica do Homem), de 1922; *Como escolher um bom marido*, de 1923; *A Fada Hygia* – Higiene para uso das crianças (no prelo).

A obra encontra-se dividida em três partes, além da Introdução: “O Homem e a Mulher Normais”; “A Fealdade se evita”; e finalmente, “A Cura da Fealdade”. Importante ressaltar que essa divisão do livro o tornou bastante didático, além de usar uma linguagem extremamente pedagógica. Arrisco afirmar que, a maneira como o livro foi estruturado e a linguagem usada por Kehl tornaram a obra extremamente acessível para um público leigo, conhecedor ou

não dos debates em torno da Eugenia. Não à toa, a ampla divulgação dada à obra em jornais de grande circulação diária, já aqui apontada.

Para melhor entendermos a organização da obra e parte dos objetivos de Kehl, torna-se importante fazer referência às imagens distribuídas ao longo das mais de 500 páginas do livro. São cinco fotos em papel de boa qualidade de estátuas gregas. As estátuas são bastante famosas no ocidente como representantes do mais alto grau de beleza dita "perfeita" ou "ideal", de arte clássica e de cultura: Antinoüs", Mercurio de Belvedero; "Apollo de Belvedere"; "Afrodite de Mélos"; "Discobolo de Miron"; "Hercules Farnèse". Há ainda uma foto de um grupo dançando a "ginástica helênica", com a seguinte legenda: "A Dança Gymnica. Exercícios coletivos – Dança helênica. Grupo tomado ao acaso em uma lição do Professor Payssé-Raspail" (KEHL, 1923). O autor também reproduziu no livro o conhecido desenho do "Homem Vitruviano", de Leonardo Da Vinci, considerado um dos cânones das proporções humanas. Além dessas imagens, foram reproduzidas inúmeras tabelas e desenhos de crânios, narizes, medidas, proporcionalidade de partes do corpo humano.

Nesse sentido, se recordarmos que um dos objetivos da Eugenia, o grande exemplo a ser seguido era a civilização grega, de tempos helênicos, apresentar imagens que remetem diretamente a essas mulheres e homens, a estratégia ganha mais relevância. Através do uso de imagens das famosas estátuas gregas, o autor direciona o leitor a "lapidar" seu olhar para aquilo que será lido nas páginas seguintes, de modo a não deixar dúvidas em relação à compreensão dos preceitos eugênicos, e, principalmente, dos exemplos do que era considerado belo para a Eugenia.

Muitos outros elementos referentes à estruturação do livro são interessantes, inclusive o "Índice dos Principais Trabalhos citados ou utilizados nessa obra". São 42 obras que versam sobre temas como beleza humana, anatomia dos corpos femininos e masculinos, higiene pessoal, beleza, beelza racial, aperfeiçoamento da beleza humana, proporcionalidades do corpo humano, História Natural, Evolução e, obviamente, Eugenia. Na lista constam livros clássicos e considerados essenciais para os estudiosos do tema, como por exemplo, Charles Darwin, *L´origine des Espèces au Moyen de la Sélection*

naturelle ou la lutte pour l´existence dans la Nature e *La descendance de l´Homme et la Sélection sexualle*, ambos citados em francês, e, Francis Galton, *Essais in Eugenics*, entre outras obras importantes para o debate sobre Eugenia e hereditariedade.

A lista de obras consultadas pelo autor nos mostra que, para além da bibliografia específica sobre os temas tratados no livro, Kehl estava atualizado academicamente. Muitos textos citados ao longo da obra estão em outras línguas, como francês, inglês e alemão, e corroboram o argumento de Vanderlei Sebastião de Souza (2006) sobre a rede nacional e internacional criada em torno da eugenia por Renato Kehl. Como apontou Souza, o médico viajou a trabalho para alguns países europeus, no final da década de 1920, e teve a oportunidade de visitar laboratórios de eugenia em países que, reconhecidamente, tinham movimentos eugênicos bastante organizados e fortes, servindo de exemplo para Kehl.

O livro, de acordo com pesquisas realizadas, teve apenas uma edição, pela Monteiro Lobato & Cia Editores, em 1923, e listada 14 anos depois de seu lançamento como esgotada (KEHL, 1937, p. 102). A edição foi feita com extremo cuidado, encadernada e firmou uma parceria entre o médico eugenista e o escritor paulista, José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), que teve início no final dos anos 1910 e se estendeu até a década de 1940, com livros prefaciados, troca de correspondências e textos (HABIB, 2007).

2. USOS E SIGNIFICADOS DA FEALDADE

De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, *fealdade* é um substantivo feminino e significa “1. qualidade do que ou de quem é feio; 2. *fig*. falta de brio, de dignidade; 3. *fig.* gravidade, enormidade” (HOUIASS, 2023). Ainda segundo o *Dicionário*, o antônimo de fealdade seriam as palavras “beleza, boniteza, formosura, lindeza” (HOUIASS, 2023).

Entretanto, a definição de Renato Kehl para *fealdade* foi diferente. Segundo o médico, ainda nas primeiras páginas do livro, a compreensão do substantivo feminino seria “mais ampla” que o usual. Para ele:

> Não corresponde, apenas, à falta de predicados físicos, de graça e de outros atrativos, que fazem de um homem ou de uma mulher alvo de admiração e simpatia. A fealdade é encarada, nas páginas que se seguem, sob o ponto de vista galtoniano e, como tal, emprestei-lhe o sentido claro da *disgenia* ou, se quiserem, de *cacogenia*. Em outros termos, ela equivale à anormalidade, à morbidez, assim como a beleza equivale à normalidade, à saúde integral (KEHL, 1923, p. 05).

Para que não restem dúvidas ao leitor, a palavra *disgenia* é um substantivo feminino e tem como definição "1. Estudo dos fatores capazes de prejudicar o patrimônio genético de uma espécie, *esp* quanto aos seres humanos; 1.1. estudo das tendências disgênicas numa população; condição de disgênico" (HOUIASS, 2023). O sinônimo sugerido pelo *Dicionário* é a palavra cacogenia, da mesma maneira que Renato Kehl definiu no trecho acima.

Chamam atenção os significados de Renato Kehl para a palavra *fealdade*. Ao definir como *cacogenia* ou *disgenia*, o médico emprestou ao termo uma ideia biologizante, científica e medicalizante. O autor transformou um substantivo feminino, com um conceito simples, direto, e, provavelmente bastante conhecido do grande público naquele ano de 1923, em uma palavra com uma perspectiva biológica. Nesse sentido, propor a cura de algo que pode ser entendido dentro do espectro da saúde e da doença, da ciência, faz total sentindo, em um momento no qual, a ciência adquiriu o status de verdade; a verdade científica. E essa é a proposta do autor. Ao dividir o livro em três partes muito bem definidas – o normal, a doença, a cura -, o argumento ganha sentido e fundamentação teórica: definir fealdade em oposição à beleza; definir a fealdade no sentido da doença e do doente, em oposição à saúde e ao saudável; e, finalmente apresentar a cura para "sanear" a população brasileira da "doença" à qual nomeou como *fealdade.* Renato Kehl apresentou, ao longo do livro, outras definições de *fealdade*. Em uma delas, a perspectiva biologizante do termo também se fez presente: "A fealdade não é atributo natural da espécie humana; corresponde a um desequilíbrio provocado por diversas causas, tais como a doença e a degeneração. Pela ação da primeira se fica feio; pela ação da segunda se nasce feio" (KEHL, 1923, p. 193). Degeneração essa que em muitas partes do livro e de outras obras do autor está associada à miscigenação da população brasileira.

O principal argumento do livro é que a fealdade se cura. Resta esmiuçar que forma essa cura poderia acontecer, dentro da concepção eugênica de Renato Kehl. Ainda na "Introdução", o autor também afirmou quais eram os objetivos do trabalho:

> (...) direi que eles consistem em disseminar conhecimentos eugênicos e higiênicos, para bem dos indivíduos e consequente benefício da espécie. Esse bem consubstancia-se na fórmula de Juvenal *mens sana in corpore sano*, isto é, na higidez do corpo e do espírito, na robustez e na beleza. Uma das minhas principais preocupações foi demonstrar a importância do casamento, como fator de progresso eugênico, e apelar para os jovens no sentido de corresponderem a esse intuito, não contraindo núpcias antes de um prévio exame de sanidade, garantidor da felicidade matrimonial e da descendência futura (KEHL, 1923, p. 05; 06).

Logo no início do livro o autor deixou explícito que o casamento é de suma relevância para os preceitos eugênicos. Mas de que maneira ele organizou o livro e seus argumentos para defender a necessidade do exame pré-nupcial? Primeiro, o autor define que tipo de homem e mulher são considerados normais, obviamente em oposição ao que deveria ser considerado feio, dentro dos padrões estéticos ocidentais. Padrões esses que, obviamente, não diziam respeito à raça negra e aos indígenas, mas sim à raça branca, entendida como eugenicamente perfeita. Na segunda parte, foram explicados como é possível evitar a feiúra e, por fim, na última parte, como curar.

As estátuas gregas já mencionadas não foram inseridas no livro ao acaso. Na primeira parte da obra, "O Homem e a Mulher Normais", são 15 capítulos nos quais Renato Kehl dedicou-se a explicar que "os gregos são os precursores do aperfeiçoamento humano" e que sempre procuravam aprimorar a beleza física, a robustez e a saúde (KEHL, 1923, p. 14). Segundo ele, era necessário buscar a perfeição plástica da raça:

> A perfeição plástica de uma raça é um empreendimento perfeitamente realizável. Nestes domínios a vontade humana pode fazer-se valer. Os aperfeiçoamentos conseguidos na agricultura e na zootecnia confirmam as previsões otimistas dos que desejam igual aperfeiçoamento em relação à espécie humana (KEHL, 1923, p. 12). [6]

[6] Essa associação entre eugenia e melhoramento genético de plantas e animais era um dos argumentos utilizados por eugenistas para implementação de medidas eugênicas. Esse discurso ganhou bastante força no final dos anos 1920, quando Renato Kehl volta de sua viagem à

Algumas páginas foram escritas por Renato Kehl para discorrer e explicar a perfeição grega em associação com a natureza. Outras tantas para definir a fealdade da população e os traços disgênicos que apresentava.

> O homem civilizado, o cientista do século XX, não pode continuar indiferente a este desapreço destruidor. Amigos que somos do belo, não podemos cruzar os braços ante a desfiguração plástica e psíquica da humanidade, composta, nos nossos dias, de espectros de gente, genuínas figuras movediças, representado nos quadros da anormalidade. Fixai bem, leitor amigo, a vossa vista na multidão heterogênea que passa pelas ruas de uma grande cidade. Verificareis, então, que não exagero, dizendo que a maioria arrasta os estragos adquiridos ou herdados, através de gerações de conúbios disgenisantes" (KEHL, 1923, p. 16;17).

Essa passagem chama atenção a relação direta entre casamentos fora dos padrões eugênicos e anormalidade encontrada na população "heterogênea". Nesse momento de sua trajetória no movimento eugênico e na divulgação da eugenia, Kehl não realiza uma discussão profunda acerca da transmissibilidade ou não dos caracteres adquiridos, mas sim na importância dos casamentos entre indivíduos sadios e belos, prerrogativa importante para o movimento eugênico. Além disso, como já ressaltamos, o autor faz uma associação direta entre civilização e ciência, relação muito utilizada nas primeiras décadas do século XX pelo movimento eugênico nacional.

Para o médico, o belo sob o ponto-de-vista eugênico é a normalidade psíquica, somática e moral e, por oposição, a fealdade é a anormalidade psíquica, somática e moral. Para definir, Kehl passou a dissertar sobre a correta, ou melhor, sobre a eugênica proporcionalidade do corpo humano: estatura, peso, cabeça e crânio – incluindo nariz, boca, dentição, cabelo. Nesse momento, corpos negros ganharam destaque, por exemplo, em relação aos lábios e à dentição. Kehl apontou questões específicas relacionadas à raça negra e às

Alemanha e passou a defender medidas eugênicas mais radicais, como demonstra Vanderlei Sebastião de Souza (SOUZA, 2006). A segunda razão para essa relação diz respeito ao ingresso de pesquisadores em genética animal e vegetal da Escola Superior de Agricultura ´Luiz de Queiroz´(ESALQ) no movimento eugênico, assumindo, inclusive a direção do *Boletim de Eugenia* (HABIB, 2010).

doenças, como a tuberculose. Ou seja, atributos físicos de uma raça ou de uma doença serviam como uma determinação racial de reconhecimento:

> Em relação à boca, temos a notar, em primeiro lugar, os lábios. Entre os indivíduos da raça branca, são finos e delicados. Na raça negra, ao contrário, são grossos e carnosos. Patologicamente se observam os lábios carnosos em indivíduos linfáticos, principalmente nos escrofulosos. (...) É fato observado que o tamanho dos dentes varia com as raças, sendo tanto maiores quanto mais atrasada é a raça. (...) o aumento das anomalias dos dentes está na razão direta da inferioridade da raça. Nos degenerados, nos idiotas, cretinos, são frequentes as anomalias de forma e de sede. Nos mestiços da raça branca e etíope, a dentição é geralmente péssima (KEHL, 1923, p. 52;53).

Renato Kehl também fez apontamentos sobre a necessidade da saúde total do corpo humano e descreveu sobre o tórax, os órgãos internos, a fisiologia do corpo humano e os cincos sentidos, muitas dessas descrições acompanhadas de ilustrações. Não bastava uma aparência eugenicamente perfeita. Era necessário que todo o corpo estivesse em perfeita harmonia e fisiologicamente saudável. Em diversos momentos foi feita uma diferenciação entre homens e mulheres, às quais ganharam, inclusive um capítulo específico, com "dicas" de beleza e referências à elegância e saúde, intitulado "A perfeição plástica feminina" (KEHL, 1923, p. 76-96).[7]

Ainda na Parte I, entram em cena as doenças, vícios e degeneração que, de acordo com Kehl, impediriam que tivéssemos um povo eugenicamente perfeito: "A sífilis, a tuberculose, o alcoolismo, e todos os males da luxúria e dos requintes sociais, são os principais entraves à realização do grande ideal eugênico do aperfeiçoamento, bem assim para o prolongamento da vida" (KEHL, 1923, p. 151). O debate sobre o *habitat* ganhou destaque e, de acordo com o médico, o Brasil teria um *habitat* excelente para que indivíduos de todas as raças possam viver. Entretanto, as doenças endêmicas, por exemplo, são um problema de algumas regiões e adoecem a população local. Para o médico, elas são não apenas curáveis, mas principalmente evitáveis. São delas parte da responsabilidade da *fealdade* de nossa população:

[7] Sobre beleza feminina e gênero nas obras de eugenistas, ver: RAMOS, 2000, p. 91;92; SILVA; GOELLNER, 2008.

> Devido à opilação, à malária, à sífilis, à falta de higiene, à ignorância e à miséria que o nosso povo tem se mantido inferiorizado, decadente, feio. Daí o aspecto desagradável de grande parte dela em contraste com o aspecto sadio, vigoroso e belo de outros povos (KEHL, 1923, p. 165).

Continuando seu raciocínio contra a *fealdade* brasileira, para ele havia uma grande confusão entre "os sinais de degeneração da população brasileira" e caracteres. Àquilo que ele considerava a nítida "degeneração da raça" muitos médicos, políticos e intelectuais denominavam de "caracteres antropológicos da raça" (KEHL, 1923, p. 165; 166).

Nesse sentido, Renato Kehl afirmou que apesar do Brasil ser um "grande laboratório étnico, dentro do qual se opera intenso metabolismo racial" (KEHL, 1923, p. 171), não era possível dizer que tínhamos uma raça genuinamente brasileira, visto que a mistura étnica ainda não se apresentava homogênea e estabilizada. Kehl afirmou que essa homogeneidade ainda demoraria séculos para evidenciar-se na população brasileira e descreve como será essa população dentro de algumas décadas:

> De acordo com as regras da evolução e com os fatos que se vão evidenciando, é certo o prognóstico de que a futura raça brasileira será branca, pela desassimilação, pela depuração, que se vai lentamente operando, isto é, com a eliminação dos caracteres recebidos das raças negras e silvícola. Aliás, esse fenômeno se vem observando claramente, desde muito tempo, e se acha muito bem representado no belo quadro de Parreiras, onde se vê, de um lado uma velha negra – a avó – de outro a filha – uma mulata -, que apresenta nos braços um filho branco. Quer isto dizer que três gerações foram bastante para a despigmentação negra da pele do produto de um mestiço da raça ariana com a etíope (KEHL, 1923, p. 172).

Apesar de não explicitar a referência, muito provavelmente, o quadro ao qual Kehl fez menção é a pintura conhecida como "Redenção de Cam", de 1895, do pintor Modesto Brocos y Gómez e bastante utilizada na época para argumentar sobre o branqueamento da população brasileira. Um dos principais divulgadores da pintura e dessa tese foi o antropólogo físico e médico João Batista de Lacerda (1846-1915), representante do governo brasileiro no I Congresso Internacional das Raças, em Londres, em 1911 (SCHWARCZ, 2011; SEYFERTH, 1985).

Assim, esse trecho escrito por Kehl é bastante revelador de como parte da intelectualidade brasileira enxergava ou desejava vislumbrar o futuro da população brasileira: branca. Renato Kehl não estava sozinho nessa certeza do branqueamento nacional. Mas para que isso, de fato, se tornasse uma realidade em décadas, era necessário cuidar e legislar sobre os cruzamentos entre raças. Dito de outra forma, era preciso vigiar, examinar e criar leis que versassem sobre os casamentos e cruzamentos entre raças.

Em *A Cura*, Kehl apresentou argumentos de ambos os lados: àqueles favoráveis aos cruzamentos raciais e, assim como ele, desfavoráveis aos cruzamentos entre raças distintas. Para construir o raciocínio sobre casamentos é necessário falar sobre as raças. Os portugueses, nossos colonizadores, era uma raça forte e a quem devemos "o que fomos e o que somos" (KEHL, 1923, p. 173). Os indígenas, que segundo Kehl, não se sabe ao certo de onde vieram originalmente, eram os donos da terra. Os negros trazidos de África, em condições sub-humanas, "pela ganância dos exploradores de carne humana, amontoados nos navios negreiros, caçados nas costas da África" (KEHL, 1923, p.173). Entretanto, em relação aos cruzamentos, Kehl faz uma ressalva em relação à raça negra:

> Considero todas as raças suscetíveis de um desenvolvimento progressista, em maior ou menor grau, guardando, porém, certa restrição em relação à raça negra, que, parece-me, é de grau intelectual um tanto inferior a todas as outras. O fato de ser contarem entre indivíduos de raça negra, exemplos de inteligência brilhante, não julgo capaz de abalar essa crença ou melhor essa verdade. São exceções e raríssimas que não servem para invalidar a regra (KEHL, 1923, p. 174;175).

Nesse sentido, para o médico eugenista, a raça negra, apesar de ter sofrido os horrores e a violência da escravidão, não tinha caracteres e características condizentes com os preceitos eugênicos. O médico apresentou uma série de estudos sobre as raças e sobre os cruzamentos entre raças, em especial àqueles que mostravam a situação da população negra nos Estados Unidos da América do Norte. Para ele, observando essa situação, e, mesmo "sendo o Brasil um cadinho de cruzamentos" (KEHL, 1923, p.175), ele entendia que o negro desapareceria do país dentro de algum tempo. O cruzamento entre

raças não era um processo útil de seleção, pois traz benefícios para as raças inferiores pela desassimilação das consideradas superiores. Ainda para Kehl, em contraposição a alguns estudiosos, o cruzamento da raça branca com outras não brancas não traria nenhum benefício, pois provocaria degradação da raça. Kehl ainda chama atenção para a inferioridade do mestiço nacional: "Examinando-se o mestiço, no Brasil, verifica-se a sua patente inferioridade" (KEHL, 1923, p. 176).

Para Kehl, um dos principais problemas em relação ao "mulato", resultante do cruzamento da raça branca com a raça negra é o preconceito que contribui para a inferiorização na sociedade. Mas, para além do preconceito, que segundo o autor, dificulta a inserção do mestiço na sociedade, outras questões mais graves estão associadas.

> Os mulatos são mestiços que, para serem híbridos, falta-lhes apenas a infecundidade, que não apresentam. (...) O mulato é um produto da fusão de duas energias hereditárias diversas; é um produto intermediário, uma espécie de ponte, que servirá para ser transposta para uma das fronteiras étnicas que nele se acha representada. Entendo que não é aconselhável a mistura da raça branca com a preta, como de coisas diversas, de cuja mistura não resulta nada de estável, de superior, às duas coisas misturadas. Sou pela conservação dos tipos branco, preto, amarelo, cada um de *per si*, misturando-se cada um entre si. (KEHL, 1923, p. 177)

Para que não restem dúvidas sobre seu entendimento acerca da mistura de raças e de seus argumentos relativos a isso, o autor listou sete regras nas quais desaconselha a mistura entre raças, visto que seus produtos seriam "tipos inferiores", em termos intelectual e físicos. Nesse ponto, Renato Kehl citou naturalistas, como Charles Darwin, Louis Agassiz e Hebert Spencer, que segundo ele, tinham a mesma perspectiva. Na última regra, Kehl foi taxativo: "(...) o cruzamento entre raças é um elemento perturbador da evolução natural e, portanto, não constitui meio de aperfeiçoamento étnico. (...) Sob o ponto de vista eugênico contra-indico toda e qualquer união de raça (...)" (KEHL, 1923, p. 178;179).

De acordo com as concepções de Kehl, a civilização estava contribuindo para o mal da espécie, apesar de ser benéfica para o indivíduo, a partir do momento em que criou meios para que mais fraco, os doentes, os tarados e os degenerados sobrevivessem e pudessem prolongar a vida. "Entretanto, a

civilização, criando os males, deu-nos o remédio: a eugenização da espécie por meio do qual *nous serons tels que nous aurons voulu être*" (KEHL, 1923, p. 205; 206).[8] E para tanto, era necessária a instrução eugênica, na qual uma das principais frentes seriam o exame pré-nupcial e a proibição dos casamentos disgênicos (CASTANEDA, 2003).

A Cura da Fealdade não foi o primeiro nem o último espaço utilizado por Renato Kehl para defender a necessidade do exame pré-nupcial para evitar casamentos disgênicos. Diversos foram os textos publicados em jornais de grande circulação, revistas científicas e livros dedicados ao tema, tão caro aos eugenistas ao redor do mundo. O médico estava seguindo uma proposta entendida como essencial para a conquista de um povo eugenizado: legislar sobre casamentos era legislar em prol da raça. A historiografia que se dedica a estudar o tema, tanto em países como Estados Unidos da América do Norte quanto na América Latina e, em especial no Brasil, tem apontado que, para além do controle dos corpos, o exame pré-nupcial ganhou caráter de urgência entre as medidas eugênicas a serem implementadas devido à eficácia em relação às doenças e às ditas "taras" ou "males sociais" (SOUZA, 2006).

Renato Kehl dedicou quase 80 páginas da Parte II "A fealdade se evita" de seu livro para defender a necessidade do exame pré-nupcial, explicando as vantagens e contra-argumentando sobre as possíveis desvantagens, professadas por aqueles que não apoiavam a medida. Para entender o processo argumentativo do médico é necessário percorrer o texto.[9] O médico fez diversas associações entre algumas proibições do Código Penal Brasileiro e a não proibição de alguns casamentos. Por exemplo, Kehl chamou atenção para matar, roubar serem crimes. Mas contrair núpcias e passar à prole determinadas doenças não era considerado um crime previsto em lei. Isso, segundo ele, era um grande problema e as ações deveriam ser equiparadas.

> Todas essas transgressões são cometidas em consequência da incúria dos legisladores, que não procuram, por meios legais, cercear essas práticas criminosas. E esses meios consistem em estabelecer o exame de sanidade obrigatório para todos os candidatos às núpcias e a proibição formal àqueles que não estejam em condições de higidez. O

[8] Em tradução livre: "seremos como queríamos ser".
[9] Importante ressaltar que essas quase 100 páginas sobre matrimônio se encontram logo após os capítulos dedicados aos cruzamentos.

> alcance dessa exigência é extraordinário: basta dizer-se que viria a proteger o indivíduo que se casa, a família, a raça, a espécie, da morte, da ofensa, do roubo do atentado, em suma contra o que a humanidade tem de mais sagrado, isto é, contra o seu patrimônio vital (KEHL, 1923, p. 249. Grifo no original).

Inúmeros exemplos de países que já praticavam a regulamentação dos casamentos e os benefícios observados nas populações e na raça foram oferecidos pelo autor para ratificar seus argumentos. O principal exemplo a ser seguido eram alguns estados norte-americanos que proibiam casamentos de indivíduos portadores de doenças contagiosas ou epilépticos, por exemplo, através dos Conselhos de Revisão. Para Kehl, era necessária uma revisão no Código Civil Brasileiro para incluir a obrigatoriedade do exame de sanidade pré-nupcial, que segundo ele, não infringiria a liberdade do indivíduo nem implicaria em uma contravenção por partes dos médicos que denunciassem possíveis nubentes com doenças transmissíveis. Esses dois argumentos – a liberdade individual e a ética médica - eram utilizados pelos contrários à essa exigência.

Para Renato Kehl, o matrimônio e o controle do casamento eram considerados tão importante para a eugenia brasileira, que escreveu dois livros nos quais ensinava futuros nubentes a fazerem suas escolhas matrimoniais: *Como escolher um bom marido*, publicado em 1923 e reeditado em 1935, e, *Como escolher uma boa esposa*, publicado em 1925. Obviamente, boas esposas e bons maridos no sentido galtoniano do termo e livre das inúmeras possibilidades de *fealdades* já aqui descritas. (VIEIRA, 2022)

Havia, porém, uma maneira de permitir os casamentos considerados nocivos à raça: a esterilização.

> A eugenia, para acautelar os interesses da raça, preconiza o estabelecimento do exame pré-nupcial e a proibição dos casamentos entre indivíduos tarados e degenerados. Essa proibição, porém, poderá ser relevada, desde que o candidato ao casamento, sendo portador de estigmas degenerativos ou de doença prejudicial à prole, sujeite-se a uma prévia esterilização, que o torne isento da faculdade de procriar indesejáveis (KEHL, 1923, p. 260).

Renato Kehl não desistiu de defender tanto a proibição de casamentos disgênicos quanto a esterilização de indivíduos considerados inaptos a procriar. Muito pelo contrário. Robert Wegner e Vanderlei Sebastião de Souza (2013)

recuperaram os debates ocorridos no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 entre Kehl, psiquiatras e a Igreja Católica, contrária às medidas. Os autores demonstraram como a viagem de Kehl a países europeus, em especial a Alemanha, e o recrudescimento do nazismo contribuíram para uma aproximação do médico com a eugenia negativa e, consequentemente, uma defesa mais ampla e radical daquilo que ele entendia como medidas eugênicas (WEGNER; SOUZA, 2013).

Renato Kehl afirmou ter a esterilização como verdadeiro fim a melhoria eugênica da raça. O médico listou doze estados norte-americanos que já haviam promulgado leis autorizando a esterilização e descreveu inúmeros casos de cirurgias bem-sucedidas, segundo ele. O autor traçou um breve histórico dessa prática e fez referências a alguns estudos de médicos alemães, franceses e ingleses [10]. Ao mesmo tempo em que defendeu que a medida fizesse parte da instrução eugênica no Brasil, reconheceu todos os entraves e dificuldades que poderiam surgir, como por exemplo, abusos para evitar proles boas e más, sem distinção; convencer o nubente da necessidade da esterilização e de que não haveria prejuízo ao prazer da relação sexual; a dificuldade "que a esterilização fosse aplicada compulsoriamente, de modo permanente, em vasta escala, não poupando mesmo os indivíduos aparentando superficialmente a normalidade e, que, no entanto, intrinsicamente são defeituosos" (KEHL, 1923, p. 262).

Kehl acreditava que, apesar das dificuldades para a aplicação da medida, a esterilização traria efeitos incontestáveis. Além disso, acreditava que não deveria ser uma medida eugênica única. Nas suas três conclusões acerca da esterilização, afirmou que coletivamente a medida traria benefícios, mas apenas se a execução fosse perfeita e permanente. Proibição dos casamentos disgênicos, esterilização e instrução eugênica, para Renato Kehl, deveriam ser

[10] Um desses estudos citados por Renato Kehl foi apresentado pelo biólogo e estatístico norte-americano Raymond Pearl, publicado na revista "The Eugenics Review", em 1919. O caso diz respeito a um rebanho de carneiros pretos e brancos, no qual desejava-se apenas manter os carneiros brancos. O médico, após explicar os procedimentos para obtenção apenas carneiros brancos, apontou para a necessidade da combinação de medidas eugênicas. É interessante notar aqui o uso do melhoramento animal ou da seleção animal para comparar e defender a esterilização humana e a proibição de casamentos disgênicos. No final dos anos 1920 e inícios dos anos 1930 essa prática tornou-se mais comum em alguns discursos eugênicos e de alguns geneticistas que ingressaram no movimento eugênico (HABIB; WEGNER, 2014; HABIB, 2010).

parte das políticas públicas de Estado, com o intuito de coibir a "proliferação" dos indesejados, como os mestiços, tarados, degenerados e criminosos, que tanto atrasavam o desenvolvimento do país rumo ao progresso e à civilização. Não caberia, portanto, mais apenas aos médicos a solução dos problemas nacionais. A *fealdade* havia sido identificada, diagnosticada, a terapêutica e profilaxia determinadas, mas era necessária a intervenção estatal para que fosse possível a cura total.

"Direi que a fealdade é uma doença, das piores e das mais dolorosas, que amarguram a vida de muita gente" (KEHL, 1923, p. 357, grifo do autor). Com essa frase, o autor inicia a terceira e última parte de *A Cura da Fealdade*, na qual pretendeu apresentar as soluções para a terapêutica da doença. Para algumas "deformidades", bastava a melhoria da saúde do indivíduo, a melhor compreensão das questões de higiene, cuidados de beleza ou pequenas cirurgias corretivas. Entretanto, é preciso chamar atenção para o fato de que Kehl entendia que a degeneração e os "males sociais" da população brasileira já haviam sido sanados, melhor dizendo, saneados e eugenizados, com a proibição dos casamentos disgênicos e com a impossibilidade da mistura das raças. Restariam as "pequenas imperfeições" facilmente corrigidas com o aperfeiçoamento da medicina e de técnicas de saúde, bem-estar e higiene. Assim, a preocupação de Kehl é explícita: há uma nítida divisão entre as doenças. Aquelas que são consideradas fatores de degeneração da raça devem ser evitadas. As pequenas deformidades, que não são transmitidas hereditariamente, podem ser curadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim da II Guerra Mundial e o declínio do nazismo, em 1945, a eugenia tornou-se palavra "proibida" e desqualificada, por motivos óbvios e que não precisam ser elencados nesse texto. Entretanto, existe um legado da eugenia, ou segundo Weber Lopes Góes, a "permanência do eugenismo contemporâneo" (GOÉS, 2021, s.p.) e, que, recentemente, tem sido objeto de pesquisas nas Ciências Humanas. Há inúmeras vertentes e possibilidades para o estudo da continuidade ou não de propostas e preceitos eugênicos na

sociedade brasileira. Algumas são bastante explícitas. O racismo estrutural, os estereótipos físicos, culturais e sociais em relação à população negra e estão estampados diariamente nas páginas de jornais e nos noticiários da televisão. Outras continuidades são mais sutis e exigem uma análise mais detida, como por exemplo, o exame pré-nupcial oferecido aos nubentes até pouco tempo.

Analisar o livro *A Cura da Fealdade* (Eugenia e Medicina Social), pouco mais de 100 anos depois de sua publicação, pode contribuir para um debate no campo da História das Ciências, mas também compreender algumas questões da contemporaneidade. Podemos afirmar que o livro está entre a associação entre eugenia, saneamento e higiene que marcou os anos iniciais da campanha eugênica no Brasil e a aproximação de Renato Kehl da eugenia alemã, mais radical, ou da eugenia negativa. Ao mesmo tem em que propôs medidas de higiene, saneamento e cuidados com o corpo, apontou para propostas de controle dos corpos e medidas entendidas como “melhoramento físico e moral”, para usar os termos eugênicos. Ler *A Cura* traz uma dimensão importante dos principais debates que o médico eugenista propunha nos anos 1920 com a finalidade de divulgar a eugenia, mas também de transformar preceitos e medidas eugênicas em uma política de Estado.

Um dos principais pontos de Renato Kehl, e que tentamos demonstrar aqui, era a necessidade de casamentos perfeitamente eugênicos, evitando-se, dessa forma, o cruzamento entre raças. Nesse sentido, retomando o uso de imagens, o quadro “A Redenção de Cam” é o exemplo mais bem acabado da crença depositada entre eugenistas e, em especial por Renato Kehl, no branqueamento da população brasileira. Além disso, a dicotomia entre belo e feio exemplificada ao longo de *A Cura da Fealdade* demonstram a tentativa de pensar um projeto de sociedade perfeita plasticamente, saudável fisicamente e moralmente.

A linguagem didática, simples, o uso de imagens conhecidas em *A Cura da Fealdade* deve ser entendido como parte de projeto de Renato Kehl de divulgação e popularização da eugenia no Brasil. Apesar de não ser seu livro mais conhecido, a obra oferece inúmeros elementos de estudo e pode contribuir

para uma maior compreensão da trajetória do autor, do movimento eugênico nacional e da ideia de sociedade a ser alcançada.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. “Diferentes sentidos da eugenia galtoniana interpretados por Renato Kehl durante a campanha eugênica brasileira. **Anos 90,** 28 (dezembro):1-14. https://doi.org/10.22456/1983-201X.101192

CASTANEDA, Luzia Aurelia. “Eugenia e Casamento”. **História, Ciências, Saúde-manguinhos** 10, no. 3 (September 2003): 901–30. https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000300006.

GÓES, Weber Lopes. ***Segregação e Extermínio:*** o eugenismo revisitado na capital de São Paulo (2004-2017)**.** Tese. (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC (UFABC). São Bernardo do Campo, 2021. 376 p.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia, "Saneamiento, Eugenesia y Literatura: Los Caminos entrecruzados de Renato Kehl y Monteiro Lobato (1914-1926). In: Gustavo Vallejo; Marisa Miranda. (Org.). **Políticas del cuerpo:** estrategias modernas de normalización del individuo y la sociedad. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Agricultura e Biologia na Escola Superior de Agricultura ´Luiz de Queiroz´(ESALQ):** os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937). Tese. (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2010.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia; WEGNER, Robert, “De plantas y hombres: cómo los genetistas se vincularon a la eugenesia en Brasil?: un estudio de caso (1929-1933)”. **Asclepio** (Madrid), v. 66, 2014.

HOUAISS, Antônio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão Online. https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0. Acesso: 03 de abril de 2023.

KEHL, Renato. **A Cura da Fealdade** (Eugenia e Medicina Social). São Paulo: Monteiro Lobato & Cia Editores, 1923.

KEHL, Renato**. Como escolher um bom marido:** regras práticas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

KEHL, Renato**. Como escolher uma boa esposa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.

KEHL, Renato**. Lições de Eugenia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

KEHL, Renato**. Por que sou eugenista.** 20 anos de Campanha Eugênica (1917-1937). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1937.

LOBATO, Monteiro. **Problema vital***:* artigos publicados no *O Estado de São Paulo* e enfeixados em volume por decisão da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil. São Paulo: Edições da Revista do Brasil, 1918.

RAMOS, Flores Maria Bernardete, "A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasílica." **Diálogos Latinoamericanos,** no. 1, 2000, pp.88-109. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16200108. Acesso: 02 de abril de 2023.

REIS, José Roberto Franco. **Higiene mental e eugenia:** o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)**.** Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, "Previsões são sempre traiçoeiras. João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos***.* Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/wRVg8H99n65JLwhF9BMbHpF/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 30 de março de 2023.

SEYFERTH, Giralda, "A antropologia e a tese do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Baptista Lacerda". **Revista do Museu Paulista**, 30, 1985.

SILVA, André Luiz dos S.; GOELLNER, Silvana Vilodre, "*Sedentárias* e Coquettes à margem: corpos e feminilidades desviantes na obra de Renato Kehl". **Pensar a Prática**, 11/3: 251-259, set./dez. 2008. Disponível em https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4865. Acesso: 02 de abril de 2023

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. ***A Política Biológica como Projeto:*** a "Eugenia Negativa" e a Construção da Nacionalidade na Trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

STEPAN, Nancy Leys. **"A Hora da Eugenia**": raça, gênero e nação na América Latina**.** RJ: Editora Fiocruz, 2005.

TEPEDINO, Alexandre. **Eugenia**. Tese. (Tese de Medicina). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1914.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Que cara tem o Brasil?:** as maneiras de pensar e sentir o nosso país. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

VIEIRA, Thayná Soares de Almeida. *Civilizando o amor e regenerando os lares*: eugenia e exames pré-nupciais a serviço da Nação (1918-1934). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2022.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião, "Eugenia negativa, psiquiatrismo e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, 20 (1), Mar 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Hxj4PcSwZGZQzfTRgHpGCbC/?lang=pt#. Acesso: 25 de março de 2023.

Recebido 20/09/2024.

Aprovado para publicação em 05/12/2024.